

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## A MORTE E A VIDA PÓS- MORTE: UMA PERSPECTIVA PROTESTANTE

Elizete da Silva

UEFS

cliosilva@yahoo.com.br

“Onde está ó morte, a tua vitória? Onde  
está ó morte, o teu aguilhão”

I Cor. 15:55

### RESUMO

Nesta comunicação analisamos, do ponto vista histórico, os discursos, práticas e representações sobre a morte e a vida além-túmulo desenvolvidas pelo Protestantismo no Brasil. Abordamos as perspectivas escatológicas dos Anglicanos e dos Batistas no final do século XIX e primeiras décadas do século XX no País.

### INTRODUÇÃO

Vivemos na atualidade os sobressaltos da Pandemia do Corona Vírus. Tempos de morte, taxas de letalidade, luto e dor. Ao mesmo tempo, pesquisas de imunizantes e formas de evitar contágios e contaminação têm sido as notícias correntes. Além do aspecto biológico da finitude humana, encontramos a preocupação com a morte e os seus desdobramentos rituais como parte da cultura e do discurso religioso nas diversas civilizações da trajetória da humanidade. Segundo Edgar Morin: “é o traço mais humano, mais cultural do antropos. Mas, se em suas atitudes e crenças diante da morte, o homem se distingue com maior clareza dos outros seres vivos, é exatamente aí que ele exprime o que a vida possui de mais fundamental” (MORIN,1997, p. 16-17).

Nesta comunicação analisamos, do ponto vista histórico, os discursos, práticas e representações sobre a morte e a vida além-túmulo desenvolvidas pelo Protestantismo no Brasil. Abordamos as perspectivas escatológicas dos Anglicanos e dos Batistas no final do século XIX e primeiras décadas do século XX no País. No Cristianismo, a visão da morte não se circunscrevia a finitude dos túmulos, mas forjou-se uma religiosidade que transforma, pela fé, a morte em ressurreição, em vida eterna. A doutrina da escatologia,

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

isto é, o fim dos tempos, a consumação do mundo tem uma centralidade no pensamento cristão.

Os protestantes não acreditavam na existência do purgatório, porém mantiveram a crença na vida futura: o céu para os justos e o inferno para os injustos. Apesar da oficialidade da Igreja Católica no período imperial, o Protestantismo estava presente, sistematicamente, no campo religioso brasileiro desde o início do século XIX. A Igreja Anglicana construiu templos ao longo da costa do território nacional, em importantes cidades e atendia aos comerciantes britânicos e outros estrangeiros residentes no País. Os Anglicanos representavam um tipo de Protestantismo de imigração, tolerados a partir dos Tratados de 1810 entre Portugal e a Inglaterra.

A Denominação Batista organizou a Primeira Igreja Batista em 1882, em Salvador e tinha objetivos proselitistas de conversão dos brasileiros às suas doutrinas. A Igreja Anglicana construiu cemitérios próprios, pois o Padroado Régio garantia a Igreja Católica a administração das necrópoles, que estavam vedadas aos protestantes. Os primeiros batistas brasileiros foram enterrados em locais separados nos cemitérios das cidades, conforme a legislação imperial. Com a proclamação da República, em 1889, juridicamente os cemitérios tornaram-se laicos e públicos.

Trabalhamos na perspectiva teórica da História das Religiões, em interface com a História Cultural. Pretendemos analisar as atitudes e os discursos religiosos sobre a morte desenvolvidos por grupos protestantes. Philippe Ariés propôs estudar a morte numa perspectiva das mentalidades (ARIÉS, 1977). Para o historiador francês Michel Vovelle, a abordagem deve ser “uma visão social da morte... apreciar os parâmetros, os componentes sociais. A clivagem maior, continua sendo a que opõe dominantes e dominados, ricos e pobres” (VOVELLE, 1974, p.17).

Gradativamente, a morte vem saindo da órbita de interesse, apenas, de profissionais da área da saúde, teólogos e religiosos em geral. Os estudos sobre os diversos aspectos do morrer, ritos fúnebres, luto, sentimentos e atitudes diante da morte estão se expandindo na oficina dos historiadores no Brasil. Citamos a relevância e consolidação do Grupo de Trabalho sobre Imagens da Morte na ANPUH, bem como a criação da Revista M. *Estudos sobre a Morte, os Mortos e o Morrer*, em 2016, sustentada

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

por uma equipe interdisciplinar de especialistas, sob a liderança da pesquisadora Cláudia Rodrigues e sediada na UNIRIO no Programa de Pós-graduação em História.

O fenômeno da morte e seus desdobramentos entre os protestantes, ainda tem sido pouco pesquisado pelos historiadores e cientistas sociais. Regina Reys Novaes, na perspectiva sociológica investigou o fenômeno da morte e seu significado entre os pentecostais. Ricardo Willy Rieth estudou o pensamento luterano diante do perigo da peste. É permitido fugir do risco de morte? M. Lutero: Práticas culturais em um panfleto da peste no começo da Época Moderna. (RIETH, 2021). Andreia Vicente da Silva pesquisou os ritos de luto e os objetos dos mortos entre grupos evangélicos (SILVA,2013).

## **I- O DISCURSO DA REFORMA PROTESTANTE SOBRE A MORTE**

Durante a Idade Média a Igreja Católica foi hegemônica no Ocidente, apesar do cisma do Oriente no século XI, originando a Igreja Ortodoxa, a qual não aceita o culto aos santos e a autoridade papal. Em 1517, a Reforma Protestante, outro movimento de contestação aos dogmas do Catolicismo provocou a divisão da Cristandade europeia em dois blocos antagônicos, com desdobramentos de guerras religiosas por mais de um século. No Cristianismo, a visão da morte não se circunscrevia a finitude dos túmulos, mas forjou-se uma religiosidade que transforma, pela fé, a morte em ressurreição, em vida eterna. A doutrina da escatologia, isto é, o fim dos tempos, a consumação do mundo tem uma centralidade no pensamento cristão.

Nas noventa e cinco teses afixadas em 31 de outubro de 1517, nas quais Martinho Lutero contestou vários dogmas e práticas católicas, constam vários aspectos sobre a morte. Na concepção luterana, a mortalidade humana é decorrente do pecado, mas pela fé o homem é justificado e pela morte de Jesus Cristo, o ser humano restaura a relação com Deus. “A Reforma aparece como uma revolta contra a preponderância da morte sobre a vida. Ela valoriza a confissão alegre e reconhece que a ressurreição é o desprezo da morte” (VOGLER, 1975, p.139).

Desde os primórdios do século XVI, os protestantes subdividiram-se em vários grupos, a exemplo de luteranos, anglicanos, calvinistas, anabatistas e zuinglianos, porém

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de uma forma geral predominou o discurso sobre a morte na aceção religiosa de passagem para a vida eterna, objetivo maior das preocupações escatológicas do Protestantismo, pois na doutrina do fim dos tempos, é a morte que abre o caminho para a danação ou salvação eternas. Os Reformados não acreditavam na existência do purgatório, seguido pelo Catolicismo, porém mantiveram a crença na vida futura: o céu para os justos e o inferno para os injustos. Após o juízo final os salvos vão ao Reino dos Céus e os que não aceitassem a Jesus como Salvador seriam jogados no inferno.

O reformador João Calvino acreditava na vida eterna: “no futuro, para que Deus receba aos seus glorificados em corpo e alma na bem-aventurança que sem dúvida durará, os colocará fora de toda a sorte de mutação ou de corrupção a qual perfeição será verdadeira e sólida na vida, na luz, na justiça ” (CALVINO,1958, p. 110). A vida eterna em glória e justiça será o galardão dos justos que aceitaram o sacrifício de Cristo, enquanto os ímpios “não terão parte alguma no reino de Deus, serão jogados à morte eterna com o diabo, condenados às trevas eternas” (CALVINO,1958, p. 110). A doutrina calvinista era taxativa, em nenhum momento vislumbrava um estágio intermediário, como o purgatório católico.

Na Reforma da Igreja da Inglaterra, liderada por Henrique VIII, em consequência das disputas político-religiosas e tentativas de uniformização doutrinária, em 1552 foi publicado o *Livro de Oração Comum*, elaborado por teólogos da confiança real, que evitaram a velha teologia católica e os extremos dos radicais anabatistas. A Igreja Anglicana deveria seguir os preceitos doutrinários exarados nesta obra, na qual a questão das missas ou cultos aos fiéis falecidos foram condenados, bem como omitidas as orações pelos mortos e outras práticas e ritos fúnebres tradicionais.

A primeira Confissão de Fé dos Batistas, em 1646, declarava, inspirada na doutrina da predestinação calvinista, que “Deus preordenou alguns homens para a vida eterna através de Jesus Cristo, para louvor e glória de sua graça, deixando os restantes em seus pecados, para julgamento. Jesus Cristo pela sua morte comprou salvação para os eleitos que Deus lhe deu, somente estes têm nele interesse e comunhão com ele. O livre dom da vida eterna é dado a eles e a ninguém mais” (BETTENSON, 1983, p. 282). Como os calvinistas, condenavam qualquer contato com o mundo dos mortos. Outros grupos batistas, como os seguidores de Jacob Armínio, seguiam o livre arbítrio, isso é, os homens

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

poderiam escolher por vontade própria a salvação ou a perdição da alma, mas concordavam que a morte era fruto do pecado e missas e intercessão pelos mortos eram rejeitadas.

## **II- PROTESTANTES NO BRASIL E A QUESTÃO DOS SEPULTAMENTOS**

A presença protestante no Brasil data do período colonial, huguenotes franceses no século XVI no Rio de Janeiro e calvinistas holandeses no século XVII no Nordeste, como parte da corrida mercantilista das metrópoles europeias e suas burguesias, ávidas de lucros, com o comércio colonial. Porém foram incursões episódicas, que duraram o tempo das invasões francesas e holandesas à América Portuguesa. Expulsos pela metrópole lusitana, que exigia o monopólio da fé católica, apenas no século XIX o Protestantismo organizou-se sistematicamente no País. (SILVA, 1917).

Apesar da oficialidade da Igreja Católica no período imperial, o Protestantismo estava presente, sistematicamente, no campo religioso brasileiro desde o início do século XIX. A Igreja Anglicana construiu templos ao longo da costa, em importantes cidades e atendia aos comerciantes britânicos e outros estrangeiros residentes no País. Os Anglicanos representavam um tipo de Protestantismo de imigração, tolerados a partir dos Tratados de Paz e Amizade, Comércio e Navegação de 1810, entre o Brasil e a Inglaterra. Durante o Império, os cemitérios no Brasil eram administrados por irmandades católicas e as necrópoles eram consideradas locais sagrados e não era permitido o sepultamento de não católicos nos seus espaços. Apesar de conquistar uma certa tolerância religiosa a Igreja Anglicana foi obrigada a construir cemitérios próprios, pois o Padroado Régio garantia a Igreja Católica a gerência das necrópoles, que estavam vedadas aos protestantes, judeus, maçons e pessoas de outras religiões.

As boas relações diplomáticas entre Portugal e a Inglaterra permitiram a presença de grandes comerciantes e engenheiros britânicos que desenvolveram vários empreendimentos urbanos no Brasil e posteriormente a construção da malha ferroviária no território brasileiro. O privilégio de ter um cemitério particular, não católico, num país oficialmente católico foi sempre lembrado, nas fontes anglicanas. Eis o pensamento do Bispo Every: “nos velhos tempos, quando todos os cemitérios eram controlados pela

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Igreja Católica Romana, era necessário para os protestantes ter os seus próprios lugares de enterro, ou então os direitos para isto seriam negados. E no caso da Igreja da Inglaterra, que ‘adotava’ outros sob suas ‘asas’ o direito era assegurado por Tratado”. (EVERY, 1933, p.185).

Em 1813, a colônia britânica residente em Salvador, construiu o Cemitério dos Ingleses, no arrabalde da Ladeira da Barra, em frente à Baía de Todos os Santos, bem como no Rio de Janeiro e nas capitais das Províncias onde havia colonos britânicos. O Cemitério Inglês da Bahia acolheu outros grupos protestantes e judeus, a exemplo dos primeiros missionários batistas, as Senhoras Katharine Taylor, esposa do Reverendo Zacharias Taylor e Carrie B. Ginsburg, esposa do missionário Salomão Ginsburg, bem como o Reverendo William Chamberlain, presbiteriano, falecidos em Salvador.

Em 1873, o Vice-Presidente da Província citou no seu relatório as necrópoles existentes em Salvador e os seus respectivos administradores: “há na capital 6 cemitérios, quatro catholicos, o do campo santo, de propriedade da Santa Casa de Misericórdia e o de São Lázaro, o do Bom Jesus e o de Brotas pertencentes à Província; e 2 protestantes o dos Ingleses na Barra e o dos Alemães defronte do Campo Santo ” (CARVALHO, 1873, p. 49).

A elite soteropolitana no início do século XIX enterrava seus mortos no interior dos templos católicos, os anglicanos mantiveram a prática inglesa e alemã protestante dos cemitérios rurais ou jardins. “O cemitério rural é uma paisagem natural, onde o túmulo se dissolve na paisagem. O modelo do cemitério rural domina na Inglaterra e na América do Norte, onde a natureza comove sempre, e os seus elos com a morte são reais e profundos ” (ARRIÈS, 1990, p. 581).

No aprazível sítio do Cemitério Britânico de Salvador, rodeado de arbustos e flores, um túmulo destaca-se dos demais pela suntuosidade e riqueza de imagens. Trata-se da construção mais alta entre as centenas de sepulturas encontradas na necrópole, onde foi enterrado o comerciante Edward Pellew Wilson, um exportador que viveu 69 anos dos seus 84 na Bahia. O prestígio e o poder econômico que conheceu em sua existência, a família certamente quis representar na sua morte. Poderoso na vida e na morte, seria um epitáfio digno de sua sepultura, condizente com o monumento fúnebre que lhe foi erigido, certamente pelos seus filhos, herdeiros do seu império econômico. Construído sob a

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

forma de um esquife sobre uma plataforma larga e profusamente decorada com pequenos detalhes florais. Esculpida em pedra, do lado esquerdo do monumento, encontra-se a estátua neoclássica de uma mulher sentada, graciosamente, em atitude de oração, com as mãos postas e mirando o retrato esculpido do Sr. Wilson, na pedra. Encimando todo o monumento de quase dois metros de altura, acha-se uma cruz, um marco da piedade anglicana. Um gradil de ferro, também decorado com florais, circunda o túmulo. (Tumba nº 146, Cemitério Britânico).

A maioria dos túmulos do Cemitério Britânico são construções de cimento com dois ou três plintos, sem arabescos ou estátuas. Seguindo uma tradição europeia protestante menos figurativa e não dada à monumentalidade das necrópoles católicas. No geral, as tumbas, mesmo as mais simples, eram encimadas por uma cruz, feita de bronze ou metal, sendo algumas bordadas com motivos florais nas suas hastes. A persistência da cruz, um símbolo cristão dos mais populares no universo protestante, traz um significado especial que é o da morte de Cristo como um sacrifício que se estende a todos os cristãos, propiciatório da vida eterna, símbolo que os anglicanos mantiveram nos seus rituais fúnebres, porém, também, na liturgia dominical, compondo o altar juntamente com a Bíblia, o cálice do vinho e a salva do pão da sagrada comunhão. (SILVA, 2017).

Na Bahia do século XIX havia uma próspera colônia de alemães e alguns suíços que se dedicavam ao comércio e à indústria fumageira, especialmente na região do Recôncavo, em torno das cidades de Cachoeira e São Felix, onde construíram a Fábrica de Charutos Dannemann e posteriormente a Suerdieck. Na cidade de Cachoeira, a indústria fumageira era forte, as fábricas e o comércio do tabaco atraíram muitos alemães e suíços protestantes, os quais construíram um Cemitério Alemão para sepultar os seus mortos.

Os missionários estadunidenses, enviados pela Junta de Richmond nos EUA, organizaram a Primeira Igreja Batista do Brasil em 1882, em Salvador e espalharam-se por todo o território nacional, disputando os fiéis da Igreja Católica e das Religiões de Matrizes Africanas, pois tinham objetivos proselitistas de conversão dos brasileiros às suas doutrinas. Anteriormente, na década de 1870, na região de Santa Bárbara D'Oeste, São Paulo, migrantes protestantes estadunidenses, ex- confederados, que migraram para o Brasil na década de 1870, já tinham organizado uma Igreja Batista para atender aos

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

cidadãos estadunidenses, com serviços religiosos em inglês, construíram uma escola e um Cemitério para atender aos colonos protestantes. (SILVA, 1917).

Na Província da Bahia, a Denominação Batista não construiu um cemitério próprio. Os primeiros batistas brasileiros foram enterrados em locais separados nos cemitérios das cidades, conforme a legislação imperial. Em sua autobiografia, Reverendo Zacharias Taylor registrou o primeiro sepultamento de uma membra da Denominação Batista na Bahia: “Dona Euphrasia Alves morreu de febre amarela, conseguimos um lugar para o sepultamento perto do cemitério, junto aos fora da lei, aos protestantes não era permitido serem enterrados dentro deles. Naquele tempo os padres tinham controle dos cemitérios ” (TAYLOR, 1969, p.28) Com a queda do Padroado e a liberdade religiosa, bem como a laicidade do estado republicano, juridicamente os cemitérios tornaram-se laicos.

O estado era laico, mas a hegemonia do Catolicismo e as práticas católicas sobre a morte persistiam na sociedade brasileira. Em algumas localidades, os constrangimentos entre católicos e protestantes continuaram, quanto ao uso das necrópoles. Em Feira de Santana, a segunda maior cidade da Bahia, o Missionário W. Chamberlain, já na vigência republicana em 1890, enterrou dois filhos e uma professora presbiteriana, vítimas de febre amarela, num local nos fundos do Cemitério Piedade, separado por um muro das tumbas dos católicos. O muro que separava os túmulos católicos dos túmulos dos protestantes, apenas foi derrubado na segunda metade do século XX, com a atuação dos presbiterianos ecumênicos, dispostos a manter uma boa relação e diálogo inter-religioso com os católicos feirenses. (SILVA, 2010).

### **III- A VIDA PÓS- MORTE, A VIDA ETERNA**

Na Bíblia, aceita como norma de fé e prática pelos protestantes, a morte tem dois aspectos: a morte física e a morte espiritual. Com a introdução do pecado e a queda da Humanidade, uma das penalidades impostas a Adão, após ter comido do fruto proibido, foi a morte. O apóstolo Paulo retornou a essa abordagem e concluiu em suas cartas que “por um só homem entrou o pecado no mundo e pelo pecado a morte ... e o salário do pecado é a morte”. Como herdeira de Adão, toda a Humanidade está condenada a morrer

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

fisicamente, uma consequência da natureza pecaminosa do homem. A pena de Eva foi parir com dor e ser dominada pelo marido.

No relato bíblico da queda, Deus prometeu à Humanidade, que “da semente da mulher nasceria aquele que esmagaria a cabeça da serpente.” (GÊNESIS 3, v. 15). Ao se revestir da natureza humana e morrer na cruz, Cristo cumpriu a promessa do Gênesis: pela morte de Jesus Cristo, o homem tem acesso à vida eterna, garantida pela ressurreição. Especialmente no Novo Testamento, a morte física apresenta-se como resultado do pecado. Na carta aos Coríntios o apóstolo Paulo desenvolveu um arrazoado a respeito da morte, da ressurreição de Cristo e da vida eterna, como os pilares da fé cristã e de forma contundente afirmou que “se Cristo não ressuscitou é vã a nossa pregação e vã a nossa fé. Onde está, o’ morte, a tua vitória? Onde está o’ morte, o teu aguilhão?” (I CORÍNTIOS 1: 44 e 55). A Igreja apostólica lastreou toda a sua doutrina e ética em torno da morte humana e da morte e ressurreição de Cristo.

Um dos princípios fundamentais da Reforma era a obediência ao texto bíblico, a ideia da vida eterna como galardão do fiel foi defendida claramente. A concepção de um local onde o justo viveria a felicidade eterna estava presente em Lutero desde os primeiros escritos e mais tarde reforçada no seu Catecismo. “A vida terrestre é considerada como miserável, efêmera, passageira inconstante de vaidade. A morte permite a passagem às verdadeiras riquezas celestes e à felicidade eterna. (VOGLER, 1975, p.140). O pavor da morte se revelou no próprio Cristo, enquanto revestido da natureza humana, que ao sentir-se angustiado clamou por socorro divino ante o desamparo da morte física: “Deus meu, Deus meu por que me desamparastes?” (MATEUS, 27 v.46.) Nada mais humano, diriam os agnósticos. Porém, após viver neste mundo de tribulações, o cristão, após a morte, entraria no gozo eterno prometido aos justos e regenerados, como Jesus Cristo vivenciou.

Os Anglicanos e os Batistas no Brasil representaram a morte sob três perspectivas: a primeira era que a morte do cristão era uma morte bem-aventurada, pois que morriam no Senhor; a segunda é a que identificava a morte como um sono, um repouso dos fiéis no aguardo da ressurreição eterna e a terceira concepção era a de que a morte se constituía numa passagem, numa partida desta vida para a vida eterna. Dos 108 epitáfios encontrados no Cemitério Britânico quase 50 % se enquadram na segunda concepção de

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

que “os que morrem no Senhor dormem”, conforme a Bíblia, aguardando a ressurreição e a vida eterna.

A morte abençoada, ou a boa morte, referia-se a pessoas que faleciam na velhice “farto de dias” e que após uma longa existência, morriam rodeadas de filhos e netos e lembradas por suas boas obras, a exemplo do bem feitor da Saint George Church, Sr. Edward P. Wilson, que viveu 84 anos e os seus filhos escreveram na sua suntuosa tumba: “abençoada é a morte daqueles que morrem no Senhor, diz o Espírito que eles devem descansar de seus labores e dos seus trabalhos” (EPITÁFIO n.138 Doc. Cemitério Britânico), parafraseando um texto bíblico. Mesmo as mortes prematuras de crianças e jovens eram consideradas como “a vontade soberana de Deus” incompreensível à primeira vista, mas plena da sabedoria divina.

Morrer tinha o mesmo sentido de repousar no Senhor, esperando a ressurreição eterna que estava por vir. Conforme a inscrição no túmulo de James Clement, morto aos 66 anos: “após os dias de dores e luta ele descansa, e despertará para a vida eterna” (EPITÁFIO n. 201. Doc. Cemitério Britânico). Os anglicanos acreditavam que a ressurreição era uma promessa de Cristo, na lápide de Eliza Cláudia Field, falecida em 1927, os seus filhos lamentaram a morte e confiavam: “Jesus disse dele, eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em min, ainda que morra, viverá. João XI- 25”. (EPITÁFIO n.146. Doc. Cemitério Britânico).

Os epitáfios dos túmulos dos Anglicanos estavam coadunados com a teologia e o discurso das autoridades eclesásticas, especialmente as episcopais, que fiscalizavam e orientavam o cumprimento das doutrinas e rituais. Em suas memórias o Bispo F. Every, que missionou na América Latina e no Brasil, no final do XIX e início do XX, retomou ao tema da esperança eterna: “De acordo com a tua vontade, Oh Cristo, desejei viver; Por ti vivo, por ti morro, por ti viverei de novo; Pois teu eu sou na vida, na morte e pela eternidade.” (EVERY, 1933, p.207).

O espectro da morte também rondava os arraiais batistas. Vários missionários faleceram acometidos das chamadas doenças tropicais e epidemias que grassaram no País no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. A primeira esposa do Reverendo Salomão Ginsburg, a missionária Carrie B. Ginsburg faleceu jovem e acometida pela febre amarela e foi enterrada no Cemitério Britânico. Teve a morte bem

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

aventurada dos fiéis que esperam em Cristo: em suas memórias, o missionário Ginsburg relatou que “quando compreendeu que estava morrendo, me chamou ao seu lado e segredou aos meus ouvidos: não chore por mim, eu sou feliz porque vou para o meu lar.” (GINSBURG,1970, p.84).

Os Batistas, como os Anglicanos acreditavam na ressurreição dos mortos e na vida futura como um galardão de Deus. Ao lamentar a morte de sua esposa o missionário batista registrou: “eu me senti triste e sozinho quando a vi descer a sepultura do cemitério inglês, esperando a grande e gloriosa manhã da ressurreição. Ela havia cumprido sua missão e o Senhor a levou, para galardoa-la” (GINSBURG, 1970, p.85). As mortes prematuras e a representação da vida eterna como uma recompensa para os fiéis, também nutria uma perspectiva do elogio martirológico, da morte sacrificial por amor à obra de Cristo, especialmente quando realizada com as dificuldades presentes no País, naquele momento.

A representação da vida pós-morte como um lugar de descanso das lides terrenas foi recorrente na documentação da Convenção Batista. Fundamentados na leitura bíblica, os Batistas concebiam a morte como uma passagem necessária para o fiel adentrar a vida eterna e gozar da paz do Reino de Deus, assegurada pela morte de Cristo. Quando do passamento da Professora Archyminia Barreto, escritora e articulista de jornais denominacionais, o *Batista Bahiano*, destacou: “devotada e fiel serva do Senhor, passou para as mansões dos justos no dia 20 de janeiro do corrente. Foi uma serva heroína”. Como professora dedicou a vida e seus dotes intelectuais para a expansão das doutrinas batistas, heroína pelas perseguições e sofrimentos que enfrentou, “merecia o descanso dos justos” (O BAPTISTA BAHIANO, FEV. E MAR., 1930 p.6). Não acreditavam em purgatório, tampouco em orações pelos irmãos falecidos, aguardavam o juízo final, a ressurreição e o descanso eterno.

A eternidade, o Reino dos Céus, descritos na Bíblia e cantado na liturgia protestante, como o lugar da bem-aventurança, as vezes se confunde com a doutrina protestante do milênio de Cristo, os mil anos de felicidade, um aspecto da teologia, que divide os vários grupos de tradição reformada, alguns defendem que a segunda vinda de Cristo inaugura os mil anos de felicidade para os que permaneceram fiéis aos preceitos divinos. Porém, todos acreditam que passada as tribulações da vida terrena, o fiel adentra

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o gozo celestial, prometido por Deus. Na perspectiva escatológica do Protestantismo, a imagem do Paraíso, do lar feliz eterno do Reino dos Céus e o milênio se complementam. Uma representação cristã, que permeia a trajetória do mundo Ocidental, em seus aspectos religiosos e políticos, como “a nostalgia do paraíso perdido.” (DELUMEAU, 1997, p.12).

## IV -CONSIDERAÇÕES FINAIS

O binômio vida/morte ocupa uma significativa centralidade na visão de mundo cristã, especialmente no seu ramo protestante. A doutrina da escatologia, isto é, o fim dos tempos, a consumação do mundo teve uma centralidade no pensamento cristão ocidental. A morte, a ressurreição, a vida eterna, o milênio de Cristo têm sido representações muito ricas no Protestantismo. A fermentação escatológica, que ao mesmo tempo tem produzido o pavor do juízo final, alimentou as certezas do reino de paz e a consequente omissão frente aos problemas sociais. Produziu uma oratória apavorante como a dos reformadores do século XVI ou dos fundamentalistas contemporâneos, negacionistas que dizem não temer a morte, pois Deus lhes garante uma vida eterna, no Reino dos Céus.

Por outro lado, a morte e a finitude da vida humana, em alguns momentos inspirou belas peças musicais como o Messias de G. Handel ou a Cantata BWV 56 de J. Bach, na qual em barrocos acordes, o compositor luterano dizia: “estou pronto e disposto para receber das mãos de Jesus com ânsia e desejo meu legado de bem-aventurança...Vem oh morte, irmã do sono Vem e me leva embora. ” O destino é o Reino de Deus, os Céus é a morada eterna dos seguidores fiéis de Cristo. A vida eterna futura tem sido o mais recorrente tema da música protestante, especialmente da que se considera hoje como clássica. Um tema inesgotável, porque o Protestantismo continua escatológico, mais preocupado com a salvação das almas, do que os graves problemas sociais do mundo e do Brasil.

O bem morrer, a morte bem-aventurada presidia os discursos e as representações de Anglicanos e Batistas sobre o desenlace fatal. A esperança de uma vida eterna minimizava o pavor que o fim da vida biológica, sempre provocou no ser humano. Todo o esforço doutrinário das instituições eclesásticas era para incutir nos fiéis, essa ideia do Reino dos Céus, uma cidade celeste onde os fiéis iriam morar eternamente. No processo

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de doutrinação, a Igreja deveria lançar mão dos meios conhecidos, especialmente investir no estudo da Bíblia. Os fiéis eram preparados para serem dignos desse Reino Celeste presidido por Deus Pai.

A Igreja Anglicana e a Denominação Batista não acreditavam em purgatório, tampouco em orações para os irmãos falecidos, aguardavam o juízo final, a ressurreição e o descanso eterno no Reino de Deus, o qual foi garantido aos fiéis pela morte de Cristo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÉS, Philippe. *O Homem Diante da Morte*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990
- \_\_\_\_\_, P. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990.
- DELUMEAU, Jean. *Mil Anos de Felicidade Uma História do Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- NOVAES, Regina Reys. Os crentes: razões para viver e morrer. In. MARTINS, José de Souza. *A morte e os mortos*. São Paulo: HUCITEC, 1983.
- RIETH, Ricardo Willy. É permitido fugir do risco de morte? M. Lutero: Práticas culturais em um panfleto da peste no começo da Época Moderna. *Revista M.* - ISSN 2525-3050 91: Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 62-91, jan./jun. 2021.
- SILVA, Andreia Vicente da. “*A Partida da Promessa*”: o rito de luto de evangélicos e os objetos dos mortos. *Revista Interseções* v.15-n.1, Rio de Janeiro, UERJ. 2013.
- SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira: Evangélicos Progressistas em Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.
- \_\_\_\_\_, Elizete da. *Cidadãos de Outra Pátria Anglicanos e Batistas na Bahia*. Salvador: SAGGA Editora, 2017.
- \_\_\_\_\_, Elizete da. Protestantes na Terra da Promissão: entre Deus e Mamom. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon A.; SILVA, Elizete da. *Os 500 Anos da Reforma Protestante no Brasil um debate histórico e historiográfico*. Curitiba: CRV, 2017.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

VOVELLE, M. A História dos Homens no Espelho da Morte In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Orgs.). *A morte na idade média*. São Paulo: Ed. USP, 1996.

VOGLER Bernard. *Attitudes Devant La Mort et Cerímonies Fúnebres Dans Les Églises Protestantes Rhénanes Vers 1600*. Paris: Archive du Sociologie des Religions.1975.

## FONTES:

.

BÍBLIA SAGRADA. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil,1969.

BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*. Rio de Janeiro: ASTE,1983.

CALVINO, Juan. *Institucion de La Religion Cristiana*. Buenos Aires: ed. La Aurora, 1958.

CARVALHO Relatório de José Eduardo Freire, em 1873. Bahia: Typographia do Correio da Bahia. 1873.

EVERY, E.F. *South American Memories of Thirty Years*. By: E. F. Every London, Society for Promoting Christian Knowledge, 1933.

EPITÁFIOS- Documentos do Cemitério Britânico em Salvador.

GINSBURG, Salomão. *Um Judeu Errante no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista,1970.

O BAPTISTA BAHIANO, Fev e Mar, Salvador, 1930.

TAYLOR, Zacharias. *The Rise and Progress of Baptist Mission in Brazil*. EUA: Cuachita Universit, 1969.